

Eram cerca de 12 horas. A viatura em que nos fazíamos transportar desliza pela mata adentro, sob um calor abrasador que no passado dia 13 fustigava algumas zonas da província do Maputo. Estávamos pois, a cerca de cinco quilómetros a sul da vila de Boane, distrito do mesmo nome, na província do Maputo, a escassos metros da aldeia comunal «Paulo Samuel Kankhomba», que dias antes sofrera um bárbaro ataque dos bandidos armados. Conhecer a situação em que os habitantes da «Kankhomba» vivem, constituiu o nosso objectivo logo que desembarcamos. Depois da visita, ficámos com a certeza de que apesar do ataque, as populações estão determinadas a desenvolver a aldeia e criar o seu bem-estar.

Estávamos na altura, numa comunidade rural composta por 355 famílias habitando igual número de casas e que totalizam segundo dados recentes, perto de dois mil e quinhentos habitantes. A prática da agricultura familiar e associativa é a única fonte de sobrevivência para aqueles cidadãos.

Fomos informados, também, que a aldeia comunal «Kankhomba» para alcançar os objectivos para que foi criada, conta com algumas infra-estruturas sociais, que atenderam às necessidades dos aldeões como sejam, um posto de Saúde, uma cooperativa de consumo e duas escolas primárias que leccionam de primeira à quinta classe.

As infra-estruturas da aldeia servem também os deslocados que afluem para aquela comunidade oriundos de di-

versos pontos da província, em busca de acomodação, devido às acções bárbaras dos agentes de Pretória. Soubemos que os deslocados cujo número tende a crescer de semana a semana, juntam-se a seus familiares.

A semelhança das inúmeras aldeias existentes no país, «Kankhomba» tem as suas casas construídas essencialmente de estaca, capim seco e terra lamacenta. Um pormenor desperta atenção de qualquer um dos seus visitantes. Trata-se da existência (regra geral) de um celeiro de milho, o produto básico dos aldeões em cada uma das casas.

Em diálogo com a nossa Reportagem, certos habitantes do local disseram que, para além do milho, a comunidade obteve na última safra resultados considerados positivos, no que toca à produção da mandioca e feijão nhemba. «Os resultados alcançados nas parcelas circunvizinhas à aldeia, mercê de muito esforço conjugado, representam uma certa autonomia da «Kankhomba» no capítulo da alimentação dos seus habitantes, pelo menos durante os próximos meses» — esta foi a estimativa feita por um dos responsáveis locais, à medida que mostrava um dos celeiros.

## RÉSULTADOS DA ACÇÃO CRIMINOSA

Como tem sido em incursões dos bandidos armados às vilas e aldeias espalhadas pelo país, aquela comunidade rural, antes bem saudável, virou para uma verdadeira desgraça para algumas das suas famílias. Segundo apurámos, reina na comunidade um pano de terror, incerteza e desgraça sobretudo no período nocturno.

Nove mortos, 13 feridos, entre os quais 10 em estado grave, constituíram o balanço imediato da sanha assassina que os malfeteiros levaram a cabo, cerca das 22 horas do passado

dia. Em contacto com a nossa Reportagem, o Presidente daquela aldeia, Francisco Calima, disse que para além de terem causado os danos atrás apontados, os criminosos queimaram um total de 22 casas, depois de as terem saqueado. Os malfeteiros roubaram também numerosas cabeças de gado e raptaram oito pessoas entre mulheres, jovens e crianças.

Consequentemente, mais de 250 pessoas que habitavam as casas agora transformadas em cinza têm, amálgama, estado a viver como nómadas e estão desprovidas de quase todos os seus bens.

Segundo observámos, certos agregados familiares sobrevivem do auxílio prestado pelos restantes aldeões, no

que toca à alimentação. Apenas contamos com tecto dos nossos celeiros, que nos dá sombra para realizarmos a nossa vida, lamentaram algumas vítimas.

Com efeito, a reconstrução das feridas casas levará o seu tempo, ainda indeterminado, visto que os habitantes da aldeia recebem dirigir-se ao mato à procura do material para o efeito, devido à movimentação dos bandidos.

Entretanto, Francisco Calima elucidou que do total das casas sinistradas pelo menos seis encontravam-se na primeira fase de recuperação, num trabalho que envolve toda a comunidade.

## COMO OCORREU O DESUMANO ATAQUE

Entretanto, Francisco Calima elucidou toda a gente a dormir, quando souo o primeiro tiro disparado contra um inocente que na circunstância perdeu a vida — assim explicou o Chefe do Estado-Maior, local, Zeca Tomás, quando abordado pelo «Notícias».

A fonte adiantou que seguidamente, um bando calculado em mais de 100 indivíduos irrompeu pela mata adentro, subdividido em três grupos.

Zeca Tomás clarificou que cada grupo teve uma determinada missão: enquanto um destruía, outro roubava e matava e o último raptava e transportava os bens roubados.

O nosso interlocutor fez questão de sublinhar que o covarde ataque dos criminosos, cujo objectivo era matar e destruir, durou apenas 20 minutos.

Não fosse a pronta resposta que as FAM/FPLM empreenderam conjuntamente com os milicianos locais, a acção teria durado mais tempo e as consequências seriam elevadas — elucidou o nosso informador, acrescentando que, durante a fuga, os bandidos deixaram no terreno quatro cadáveres e arrastaram consigo vários feridos.

Acrescentou que durante a fuga os bandidos foram perseguidos pelas forças locais num raio de aproximadamente 20 quilómetros.

## VITIMAS RECEBEM APOIO

O «Notícias» apurou, por outro lado, que os mais necessitados em resultado do ataque beneficiaram já de auxílio em alimentos e vestuário, doados pela Delegação da Cruz Vermelha ao nível da Província do Maputo e pelas estruturas governamentais.

As estruturas locais clamaram a necessidade de uma assistência urgente em tendas destinadas a albergar durante algum tempo as famílias que perderam tudo quanto tinham, incluindo as respectivas casas. A semelhança das várias outras comunidades vitimadas pelos bandidos armados no país, a aldeia «Paulo Samuel Kankhomba» foi atormentada numa altura em que o seu desenvolvimento despontava, sobretudo nos capítulos de produção agrícola, que permitia auto-suficiência alimentar dos aldeões e nas áreas de educação, saúde, cultura e comercialização de produtos. O que hoje se pode encontrar na aldeia é mais um testemunho da natureza assassina e destruidora dos bandidos armados.

Contudo, embora muitas famílias vivam agitadas por recear novas incursões, é notório o esforço de reconstruir, desenvolver e criar o bem-estar.